

COMPORTAMENTO

DIPLOMA GLOBALIZADO

Faculdades no Brasil oferecem cursos que permitem trabalhar lá fora

CLAUDIA JORDÃO

O estudante André Bernussi nasceu em Jundiaí (SP), iniciou seus estudos em Engenharia Agrônoma em Piracicaba, uma cidade próxima, e está dando continuidade à sua formação em Paris, na França. Ao final, terá condições legais de exercer a profissão no Brasil e em qualquer parte da Europa. André, 26 anos, será um profissional globalizado graças ao curso de graduação com dupla diplomação no qual está matriculado.

A oferta desses cursos vem crescendo no Brasil. Pelo menos 13 instituições de ensino, entre públicas e privadas, possuem convênios com faculdades e universidades estrangeiras. Elas dão ao aluno a possibilidade de realizar parte de sua formação em outro país e, ao final, receber dois diplomas:



ras. Aluno da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, André cursou dois terços da faculdade em terras brasileiras e está fazendo o restante no Instituto Nacional de Agronomia Paris Grignon (INAP-G), uma tradicional escola em Paris, e estagiando na Pernod Ricard, gigante no ramo de bebidas.

Geralmente, viajar para o Exterior e se manter lá é um problema. Conscientes disso, as universidades brasileiras buscam facilitar a situação para o aluno – algumas até abrem mão do pagamento da mensalidade aqui para o dinheiro ser investido lá. **Também há bolsas de estudos, oferecidas pelo governo brasileiro e pelo país de destino.** Através

MUNDO
Gabriela Rodrigues finalizou o curso de fisioterapia em Madri e James Swan (acima) se forma no Brasil e seu diploma será válido no Exterior

um válido no Brasil, e, outro, no país em que estudou. A recíproca é verdadeira. “Sempre galguei experiências no Exterior. Já estudava francês quando soube que a minha faculdade fazia parte de um programa de dupla diplomação”, diz André.

Os alunos que optam por esse tipo de formação geralmente são submetidos a uma avaliação.

Como não há legislação específica para esses cursos no Brasil, cada acordo traz regras próprias definidas pelas instituições parcei-

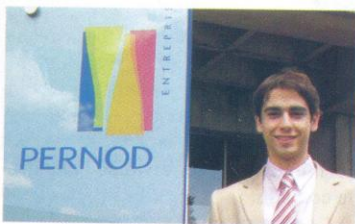
França, a predileta

Entre os países que abrem as portas para estudantes brasileiros, a França é quem mais recebe os interessados. Por ano, cerca de quatro mil brasileiros desembarcam no país para fazer de curso de francês a doutorado. Só para dupla

da bolsa Capes Brafitec, do governo federal, André conseguiu ajuda financeira. “Acho elogiável qualquer iniciativa que leve o aluno a ter experiências em outro país”, diz o secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, Ronaldo Mota.

A fisioterapeuta Gabriela Rodrigues, 22 anos, era aluna da Anhembi-Morumbi, em São Paulo, quando seguiu para uma temporada na Universidade Européia de Madri, na capital espanhola. Ficou dois meses por lá e nesse período trabalhou em hospitais. “No Brasil, a fisioterapia é muito americanizada. Na Espanha, pude aprender métodos exclusivos dos europeus”, diz Gabriela.

Também há a possibilidade de o aluno receber dois diplomas sem deixar o Brasil. É o caso do curso de Hotelaria da Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Graças a um acordo com a Escola de Hotelaria de Lausanne, na Suíça, James Swan, 24 anos, vai se formar em meados de 2010 pela Estácio e, por tabela, receberá um diploma também na escola suíça. É que a grade curricular da faculdade brasileira foi montada com base na Lausanne. Prestes a embarcar para um estágio de três meses na rede de hotéis Pestana, em Portugal, James não vê a hora de ter os diplomas em mãos. “Pretendo trabalhar no Exterior o quanto antes”, diz.



ANDRÉ BERNUSSI Estágio na França

diplomação, são 300 por ano. Trinta e oito instituições de ensino superior francesas oferecem oportunidades em diferentes áreas, especialmente em engenharia. O governo francês oferece bolsas de estudos. O escritório da Campus France no Brasil centraliza as informações sobre oportunidades na França.



NAS ALTURAS
Com mais dinheiro que paladar, russos e chineses estão tomando Bordeaux de assalto

Sofisticados e salgados

Novos milionários inflacionam o preço dos grandes rótulos franceses

JONAS FURTADO

Em meio a tantos aromas e sabores sublimes, os colecionadores tradicionais têm sentido um gosto amargo ao degustar vinhos especiais. Nos últimos três anos, os preços dos mais aclamados vinhos da região de Bordeaux, na França, atingiram níveis recordes, inflacionados por novos compradores cheios de dinheiro, sobretudo russos e chineses. Ao contrário de apreciadores tradicionais, que elevam gradualmente a qualidade dos vinhos que tomam, os novos ricos querem começar suas experiências dionisiacas direto no topo. “São os bebedores de rótulo”, diz Mariano Levy, proprietário da importadora Grand Cru.

O melhor exemplo vem de um clássico de Bordeaux: **uma caixa de Château Lafite Rothschild 1996, que há seis meses era vendida em Londres por £\$ 4.200 (cerca de R\$ 16 mil), não sai hoje por menos de £\$ 7 mil (cerca de R\$ 28.500)**. O índice Liv-ex 100 (formado com base no preço dos 100 melhores vinhos para se investir no mundo) subiu 42% só neste

ano – é o mais alto nível desde sua criação. “Para esses novos milionários, quanto mais caro melhor. Eles tratam os vinhos como commodities. É como um objeto de poder”, diz Arthur de Azevedo, presidente da Associação Brasileira de Sommeliers (ABS-SP). Celso La Pastina, dono da importadora World Wine, diz que a subida meteórica dos preços fez com que seus clientes de longa data “tirassem o time de campo” – ou seja, as vendas caíram substancialmente. “Esses vinhos caríssimos, eu não tenho mais para vender. Só compro sob encomenda. Os preços ficaram impraticáveis”, afirma La Pastina.

Recentemente, o jornalista britânico especialista em vinhos Jim Budd declarou que a cada dia se tornam mais remotas as chances de uma pessoa normal provar os melhores do mundo. Mariano Levy concorda. “A tendência dos preços é continuar a subir. A produção desses vinhos é limitadíssima, e cada vez mais aumenta o número de milionários dispostos a gastar o quanto for preciso para tê-los.”